

Sue Klebold

O
ACERTO DE CONTAS
DE UMA MÃE

A vida após a tragédia de Columbine

Tradução
Ana Paula Doherty

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2016



VERUS
EDITORA

Editora

Raíssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Cleide Salme

Capa

Adaptação da original (Christopher Brand)

Fotos da capaGeorge Baier IV (porta-retratos)
Cortesia da autora (fotografia no
porta-retratos)**Projeto gráfico e diagramação**

André S. Tavares da Silva

Título original*A Mother's Reckoning*
Living in the Aftermath of Tragedy

ISBN: 978-85-7686-456-1

Copyright © Vention Resources Inc., PBC, 2016

Introdução © Andrew Solomon, 2016

Todos os direitos reservados.

Edição publicada mediante acordo com Crown Publishers, selo do Crown Publishing Group —
divisão da Random House LLC.Edna St. Vincent Millay, excerpt from "And must I then, indeed, Pain, live with you" from
Collected Poems. Copyright 1954 © 1982 by Norma Millay Ellis. Reprinted with the permission
of The Permissions Company, Inc., on behalf of Holly Peppe, Literary Executor,
The Edna St. Vincent Millay Society, www.millay.org

Tradução © Verus Editora, 2016

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta
obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou
mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados
sem permissão escrita da editora.**Verus Editora Ltda.**Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE**
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K71a

Klebold, Sue, 1948-

O acerto de contas de uma mãe : a vida após a tragédia de Columbine /
Sue Klebold ; tradução Ana Paula Doherty. - 1. ed. - Campinas, SP : Verus,
2016.

23 cm.

Tradução de: A Mother's Reckoning : Living in the Aftermath of Tragedy
ISBN 978-85-7686-456-11. Massacre de Columbine de 20 de abril de 1999. 2. Columbine High
School - Estados Unidos. 3. Atentado suicida. I. Doherty, Ana Paula.
II. Título.

16-31942

CDD: 920.0091747

CDU: 929:94(73)1999/...!

SUMÁRIO

<i>Introdução (Andrew Solomon)</i>	11
<i>Prefácio</i>	19

PARTE I: As últimas pessoas no mundo

1. “Houve um tiroteio na Escola de Ensino Médio de Columbine”	25
2. Cacos de vidro	39
3. A vida de outra pessoa	52
4. Um lugar de descanso.....	67
5. Premonição	69
6. Infância.....	73
7. De mãe para mãe	95
8. Um lugar de sofrimento	117
9. A vida com o luto	119
10. O fim da negação.....	134

PARTE II: Rumo ao entendimento

11. Nas profundezas do desespero	157
12. Dinâmica fatal.....	170
13. Rota para o suicídio: o segundo ano de Dylan	177
14. Rota para a violência: o terceiro ano de Dylan.....	209
15. Dano colateral.....	238
16. Uma nova consciência	240
17. Julgamento.....	252
18. A pergunta errada.....	264
<i>Conclusão: Dobras familiares</i>	275
<i>Agradecimentos</i>	277
<i>Notas</i>	281
<i>Recursos</i>	287
<i>Índice remissivo</i>	291

INTRODUÇÃO

*E devo, Dor, realmente viver contigo
Pela vida inteira? — compartilhar meu fogo, minha cama,
Compartilhar — ah, a pior de todas as coisas! — o mesmo pensamento?
E, ao alimentar-me, alimentar-te também?*

— EDNA ST. VINCENT MILLAY

Temos culpado os pais, sistematicamente, pelos supostos defeitos de seus filhos. A teoria do imaginário do século XVIII afirmava que as crianças tinham deformidades em virtude dos desejos libidinosos não expressados das mães. No século XX, acreditava-se que a homossexualidade era causada por mães dominadoras e pais passivos; a esquizofrenia refletiria o desejo inconsciente dos pais de que o filho não existisse; e o autismo seria o resultado de “mães-geladeiras”, cuja frieza condenava os filhos a uma fortaleza de silêncio. Hoje em dia sabemos que condições tão complexas e multifatoriais como essas não são resultado do comportamento ou da atitude dos pais. Ainda assim, continuamos a presumir que, se entrássemos em casas de famílias em que assassinos foram criados, seria possível ver os erros dos pais em letras garrafais. A percepção das crianças como tratáveis é um marco da justiça social; levou-nos a procurar a reabilitação para os jovens, em vez de simplesmente buscar a punição. De acordo com essa lógica, um adulto perverso pode ser irrecuperável, mas um adolescente perverso é apenas o reflexo de influências negativas, o produto de uma criação maleável, em vez de uma natureza imutável. Pode até haver verdade nesse agradável otimismo, mas daí a presumir a culpabilidade dos pais é uma enorme injustiça.

Nós nos apegamos à noção de que a criminalidade ocorre por culpa dos pais por duas razões primárias. Primeiro, é evidente que o abuso severo e a negligência podem gerar um comportamento anormal em pessoas vulneráveis. Uma criação relapsa pode levar os jovens em direção às drogas, à participação em gangues, à violência doméstica e ao roubo. Os transtornos de apego são frequentes em pessoas que foram vítimas de crueldade na infância, assim como também o é a compulsão repetitiva que as

leva a recapitular a agressão que conheceram. Alguns pais podem causar danos aos filhos, mas isso não significa que todos os jovens problemáticos têm pais incompetentes. Particularmente os crimes extremos e irracionais não costumam ser gerados por nada que os pais tenham feito; eles vêm de uma irracionalidade profunda demais para ser instigada por um trauma.

Em segundo lugar, e com muito mais força, queremos acreditar que os pais criam criminosos porque, ao fazer essa suposição, nós nos asseguramos de que em nossa própria casa, onde não fazemos tais coisas erradas, não corremos o risco de enfrentar essa calamidade. Tenho consciência dessa ilusão porque eu também a nutria. Quando conheci Tom e Sue Klebold, em 19 de fevereiro de 2005, imaginei que logo identificaria as falhas. Eu estava trabalhando no livro *Longe da árvore*, sobre pais e seus filhos desafiadores, e pensei que aqueles pais seriam o símbolo de uma criação errada. Nunca imaginei que tivessem estimulado seus filhos a praticar atos hediondos, mas achei que a história deles lançaria luz a erros evidentes e inumeráveis. Eu não queria gostar dos Klebold, porque o custo de apreciá-los seria o reconhecimento de que o que aconteceu não foi culpa deles e, nesse caso, nenhum de nós está a salvo. Acontece que eu gostei muito deles. E então fui embora pensando que a psicopatia por trás do massacre de Columbine poderia vir à tona na casa de qualquer um. Seria impossível prever ou reconhecer; assim como um tsunami, ela desdenharia de nossa preparação.

Nas palavras de Sue Klebold, ela era uma mãe comum e suburbana antes de Columbine. Eu não a conhecia na época, mas, diante da tragédia, ela encontrou forças para tirar sabedoria de sua ruína. Manter seu amor em circunstâncias como aquela é um ato de coragem. Sua generosidade na amizade, seu talento vigoroso para a afeição e sua capacidade de atenção, os quais eu tive o privilégio de conhecer, trazem ainda mais perplexidade à tragédia. Comecei achando que os Klebold deveriam ter repudiado o filho, mas acabei entendendo que foi necessário muito mais força para lamentar o que ele fizera e, ainda assim, ser perseverantes em seu amor. A paixão de Sue pelo filho é evidente em cada uma destas páginas tomadas de sofrimento, e seu livro é um tributo à complexidade. Ela argumenta que pessoas boas fazem coisas ruins, que todos nós somos moralmente confusos e que fazer algo terrível não apaga outros atos e intenções. A principal mensagem deste livro é aterrorizante: talvez você não conheça seus próprios filhos, e, pior ainda, seus filhos podem ser incognoscíveis para você. O estranho que você teme pode ser seu próprio filho ou filha.

“Nós lemos contos de fadas para nossos filhos e ensinamos a eles que há pessoas boas e pessoas más”, Sue me disse enquanto eu estava escre-

vendo *Longe da árvore*. “Eu nunca faria isso hoje. Eu diria que cada um de nós tem a capacidade de ser bom e a capacidade de fazer escolhas ruins. Se você ama alguém, tem que amar tanto o bem quanto o mal que há nele.” Na época de Columbine, Sue trabalhava em um prédio em que havia uma repartição que cuidava de indivíduos em liberdade condicional e se sentia incomodada e amedrontada quando entrava no elevador com ex-presidiários. Depois da tragédia, passou a enxergá-los com outros olhos. “Eu sentia que eram como o meu filho. Apenas pessoas que, por alguma razão, tinham feito uma péssima escolha e foram jogadas em uma situação terrível e desesperadora. Quando ouço falar de terroristas nos noticiários, penso: *É o filho de alguém*. Columbine me fez sentir mais conectada à humanidade do que qualquer outra coisa jamais conseguiria ter feito.” O luto é capaz de gerar enorme compaixão.

Dois tipos de crime nos afetam mais que qualquer outro: aqueles nos quais as vítimas são crianças e aqueles nos quais as crianças são os agressores. No primeiro caso, choramos os inocentes; no segundo, o equívoco de que crianças são inocentes. Tiroteios em escolas são os crimes mais chocantes de todos porque envolvem ambos os problemas, e, entre todos os tiroteios escolares, o de Columbine permanece como a principal referência, o modelo com o qual todos os outros estão em débito. A extrema arrogância tingida de sadismo, a aleatoriedade do ataque e o nível de planejamento fizeram de Eric Harris e Dylan Klebold heróis para uma grande comunidade de jovens rebeldes sem causa, ao mesmo tempo em que são considerados psicologicamente perturbados pela maioria das pessoas e ícones do satanismo por algumas comunidades religiosas. Os motivos e os objetivos dos garotos têm sido repetidamente analisados por pessoas que desejam proteger seus filhos desse tipo de ataque. Pais mais destemidos também se perguntam como ter certeza de que seus filhos são incapazes de cometer crimes desse tipo. Melhor o inimigo conhecido que o desconhecido, diz o provérbio, e Columbine foi, acima de tudo, uma armadilha do incognoscível, do horror escondido em plena luz do dia.

Foi impossível enxergar claramente os assassinos. Vivemos na sociedade da culpa, e algumas das famílias das vítimas foram incansáveis na busca por “respostas” impossíveis, que estariam sendo mantidas “em segredo”. A melhor prova de que os pais não sabiam de nada é a certeza de que, se soubessem, teriam feito alguma coisa. O juiz do condado de Jefferson, John DeVita, declarou sobre os garotos: “O que impressiona é a quantidade de dissimulação. A facilidade da dissimulação. A frieza da dissimulação deles”. A maioria dos pais acha que conhece os filhos melhor do que realmente conhece; adolescentes que não querem ser conhe-

cidos conseguem manter sua vida interior muito reservada. Os processos judiciais das famílias das vítimas de Columbine foram baseados nos princípios dúbios de que a natureza humana é cognoscível, de que a lógica interior pode ser monitorada, de que tragédias seguem padrões previsíveis. Esses processos buscavam informações faltantes, que pudessem mudar o que aconteceu. Jean-Paul Sartre escreveu: “O mal não é uma aparência”, acrescentando que “conhecer suas causas não o dissipa”. Sartre parece não ter sido muito lido nos subúrbios de Denver.

Eric Harris parece ter sido um psicopata homicida, e Dylan Klebold, um depressivo suicida; a loucura contrastante deles era a condição necessária um do outro. O estado depressivo de Dylan não o teria tornado um assassino sem a liderança de Harris, mas algo em Eric poderia ter perdido a motivação sem o estímulo de arrastar Dylan consigo. A maldade de Eric é chocante, assim como é, igualmente, a aquiescência de Dylan. Este escreveu: “Pensar em suicídio me dá a esperança de que estarei em meu lugar, para onde quer que eu vá depois desta vida... que finalmente não estarei em conflito comigo mesmo, o mundo, o universo... minha mente, corpo, todos os lugares, tudo está em PAZ... eu... minha alma (existência)”. Ele descreveu seu próprio “sofrimento eterno em direções infinitas, por infinitas realidades”. A palavra mais comum em seus diários é *amor*. Eric escreveu: “como ousa pensar que eu e você somos parte da mesma espécie quando somos tããããããã diferentes. você não é humano, você é um robô... e se me deixou puto no passado, vai morrer se eu te encontrar”. O diário dele descreve como, em alguma faculdade imaginária do futuro, ele convenceria garotas a irem até o seu quarto e as estupraria. Em seguida: “Quero rasgar uma garganta com meus próprios dentes, como uma latinha de refrigerante. Quero pegar um calouro fracote e rasgá-lo ao meio feito a porra de um lobo, estrangulá-lo, esmagar sua cabeça, arrancar a mandíbula, quebrar os braços ao meio, mostrar a ele quem é deus”. Eric era um Hitler frustrado; Dylan era um Holden Caulfield frustrado.

Sue Klebold enfatiza o elemento suicida na morte do filho. Karl Menninger, que já escreveu muito sobre suicídio, afirma que este requer a convergência “do desejo de matar, do desejo de ser morto e do desejo de morrer”. O desejo de matar nem sempre é direcionado externamente, mas é uma peça essencial do quebra-cabeça. Eric Harris queria matar, e Dylan Klebold queria morrer. Ambos achavam que suas experiências tinham origens divinas; ambos escreveram que o massacre os transformaria em deuses. A combinação de grandiosidade e inépcia contém ecos de uma adolescência comum. Na Escola de Ensino Médio de Columbine, quase no fim do massacre, uma testemunha escondida no refeitório ouviu um

dos assassinos dizer: “Hoje o mundo vai chegar ao fim. Hoje é o dia em que nós vamos morrer”. Essa é uma combinação infantil do self com o outro. G. K. Chesterton escreveu: “O homem que mata um homem, mata um homem. O homem que se mata, mata todos os homens. Até onde sabe, ele dizima o mundo”.

Os defensores dos mentalmente enfermos apontam que a maioria dos crimes não é cometida por pessoas com doenças mentais, e que a maioria das pessoas com doenças mentais não comete crimes. O que significa considerar Columbine o produto de mentes que não eram doentes? Há muitos crimes aos quais as pessoas resistem ou porque sabem que enfrentarão problemas, ou porque aprenderam padrões morais. A maioria das pessoas já se deparou com coisas que gostaria de roubar. A maioria das pessoas já passou por um surto ocasional de ódio assassino por alguém de suas relações íntimas. Mas o motivo para não matar colegas que mal se conhece na escola nem fazer reféns no lugar não é o medo da punição ou o conflito com a moralidade que lhe foi ensinada; é que essa ideia nem sequer passa por mentes sadias. Embora estivesse deprimido, Dylan não sofria de esquizofrenia, transtorno de estresse pós-traumático, transtorno bipolar ou qualquer outra condição que se encaixe nos parâmetros específicos do diagnóstico psiquiátrico. A existência de um pensamento desordenado não minimiza a malevolência de seus atos. Parte da nobreza deste livro é o fato de que ele não tenta dar sentido ao que Dylan fez. A recusa de Sue Klebold em culpar aqueles que praticavam bullying, a escola ou a bioquímica do filho reflete sua absoluta determinação de que se deve simplesmente aceitar o que nunca pode ser explicado. Ela não tenta elucidar a fronteira permanentemente confusa entre a maldade e a doença.

Imediatamente após o massacre, um carpinteiro de Chicago foi a Littleton e ergueu quinze cruzeiros — uma para cada vítima, incluindo Dylan e Eric. Muitas pessoas colocaram flores na cruz dos dois, assim como fizeram na dos outros. Brian Rohrbough, pai de uma das vítimas, removeu as marcações de Harris e Klebold. “Não se despreza o que Cristo fez por nós honrando assassinos com cruzeiros”, ele disse. “Não há nenhuma passagem na Bíblia que diga para perdoar um assassino que não se arrepende. Se não se arrependerem, não os perdoe; é isso o que diz a Bíblia.” Obviamente, há margem para revisar essa interpretação da doutrina cristã, mas a afirmação de Rohrbough vem da noção errônea de que lamentar a morte de assassinos é equivalente a perdoar, e que o perdão esconde o horror do que foi feito. Sue Klebold não busca perdão, nem mesmo imagina que seu filho possa ser perdoado. Ela explica que não sabia o que estava acontecendo, mas não se exime; apresenta sua falta de conhecimento

como uma traição a seu filho e ao mundo. A morte de alguém que cometeu um grande crime pode ser o melhor, mas qualquer filho morto é a esperança perdida de um pai e uma mãe. Este livro pesaroso é o ato de penitência indireta de Sue. O ódio não destrói o amor. Na verdade, ambos estão em constante companhia.

Em nosso primeiro encontro, Sue me contou sobre o momento, em 20 de abril de 1999, quando soube o que estava acontecendo na Escola de Ensino Médio de Columbine. “Enquanto cada mãe em Littleton estava rezando para que seu filho estivesse a salvo, eu tinha de rezar para que o meu morresse antes de machucar mais alguém”, ela disse. “Eu pensei que, se aquilo estivesse realmente acontecendo e Dylan sobrevivesse, ele iria parar no sistema de justiça criminal e seria executado, e eu não aguentaria perdê-lo duas vezes. Fiz a oração mais difícil da minha vida, para que ele se matasse, porque então pelo menos eu saberia que ele queria morrer e não ficaria com todas as perguntas que teria se ele fosse abatido por uma bala da polícia. Talvez eu estivesse certa, mas passei muitas horas me arrependendo dessa oração: eu pedi que meu filho se matasse, e ele se matou.”

Ao final daquela semana, indaguei ao casal o que gostariam de perguntar se Dylan estivesse na sala conosco, e Tom disse: “Eu perguntaria em que porcaria ele estava pensando e que porcaria achou que estava fazendo!” Sue olhou para o chão por um minuto antes de dizer baixinho: “Eu pediria a ele que me perdoasse por ser sua mãe e nunca ter percebido o que estava acontecendo dentro de sua cabeça, por não ter conseguido ajudá-lo, por não ter sido a pessoa em quem ele poderia confiar”. Quando a lembrei dessa conversa, cinco anos depois, ela disse: “Assim que tudo aconteceu, eu desejei nunca ter tido filhos, nunca ter me casado. Se Tom e eu nunca tivéssemos nos cruzado na Universidade Estadual de Ohio, Dylan nunca teria existido, e essa coisa terrível nunca teria acontecido. Mas com o tempo passei a sentir que, de minha parte, estou feliz por ter tido filhos e feliz por ter tido os filhos que tive, porque o amor por eles — mesmo ao custo dessa dor — tem sido a única grande alegria da minha vida. Quando digo isso, estou falando de minha própria dor, não da dor de outras pessoas. Mas eu aceito minha própria dor; a vida é cheia de sofrimento, e esse é o meu. Eu sei que teria sido melhor para o mundo se Dylan nunca tivesse nascido. Mas acredito que não teria sido melhor para mim”.

Geralmente perdemos alguém de uma só vez, mas, para Sue, a perda veio em ondas: a perda do próprio filho; a perda da imagem dele; a perda de suas defesas contra o reconhecimento do lado mais obscuro do filho; a perda de sua identidade como alguém além da mãe de um assassino;

e a perda da crença fundamental de que a vida está sujeita a uma lógica, de que, quando se faz as coisas direito, é possível se prevenir de certos acontecimentos ruins. Comparar níveis de tristeza nunca é proveitoso, e seria errado dizer que Sue Klebold teve a perda mais devastadora de Littleton. No entanto, ela está atada à impossibilidade de desvencilhar a dor de descobrir que nunca conheceu o filho da dor de ter a consciência da devastação que ele causou aos outros. Ela luta contra a tristeza de ter um filho morto, a tristeza de saber que outros tiveram seus filhos mortos e a tristeza de ter fracassado ao tentar criar uma criança feliz, que faria do mundo um lugar melhor.

É uma experiência emocionante ter filhos pequenos e ser capaz de resolver os pequenos problemas que eles trazem; é uma perda terrível quando começam a ter problemas acima de sua capacidade de resolução. Essa decepção universal é apresentada aqui em uma escala vastamente ampliada. Sue Klebold descreve seu impulso natural de agradar às pessoas e deixa claro que escrever exigiu uma negação dessa característica. Seu livro é um tributo a Dylan sem ser uma justificativa, e um apelo comovente à ação pela defesa da saúde mental e a pesquisa nesse campo. Íntegra, determinada e digna, Sue Klebold chegou a uma solidão impenetrável. Ninguém mais teve essa experiência. De certa forma, isso a tornou incognoscível, assim como Dylan era. Ao escrever sobre sua experiência, ela escolheu uma espécie de irreconhecimento público.

Ovídio disse uma famosa frase: “Dê boas-vindas à dor, pois você aprenderá com ela”. Mas há pouca escolha sobre uma dor desse tipo; não há a opção de não lhe dar boas-vindas. Pode-se expressar desprazer diante de sua chegada, mas não se pode pedir que ela se retire. Sue Klebold nunca reclamou por ser uma vítima, mas sua narrativa faz eco à de Jó, que perguntou: “Devemos receber o bem de Deus e não receber o mal?” E: “Pois aquilo que eu mais temia recaiu sobre mim, aquilo que eu receava me aconteceu. Eu não estava seguro, nem descansado, nem em silêncio; e já me veio perturbação”. E finalmente: “Embora eu fale, minha dor não cessa”. O livro de Sue Klebold narra sua queda, ao estilo de Jó, em um inferno incompreensível, seu divórcio da segurança. Talvez o mais impressionante seja o fato de seu livro reconhecer que o discurso não pode aliviar uma dor como essa. Ela nem chega a tentar. Este livro não é um documento catártico com a intenção de fazê-la se sentir melhor. É apenas uma narrativa de aceitação e de luta, de tomar as rédeas de seus tormentos na esperança de poupar aos outros uma dor como a dela, como a de seu filho e como a das vítimas dele.

PREFÁCIO

No dia 20 de abril de 1999, Eric Harris e Dylan Klebold se armaram com pistolas e explosivos e entraram na Escola de Ensino Médio de Columbine. Eles mataram doze alunos e um professor e feriram outros vinte e quatro, antes de tirar a própria vida. Foi o pior tiroteio em uma escola de que se teve notícia até então.

Dylan Klebold era meu filho.

Eu daria minha vida para reverter o que aconteceu naquele dia. De fato, eu daria de bom grado minha própria vida em troca de apenas uma das vidas que foram perdidas. Mas sei que tal troca é impossível. Nada que eu venha a fazer ou dizer poderá algum dia reparar o massacre.

Dezesseis anos se passaram desde aquele dia terrível, e eu dediquei todos eles a entender o que ainda é incompreensível para mim: como a vida de um garoto promissor pôde ter chegado a esse desastre — e sob a minha guarda. Interroguei especialistas, assim como nossa família, os amigos de Dylan e, sobretudo, a mim mesma. As coisas que eu não vi, e como pude não ter visto? Vasculhei meus diários. Analisei nossa vida familiar com a ferocidade de um cientista forense, revirando eventos e interações mundanos em busca das pistas que não enxerguei. O que eu deveria ter visto? O que poderia ter feito diferente?

Minha busca por respostas começou como uma missão puramente pessoal, uma necessidade primal de saber, tão forte quanto a vergonha, o horror e a tristeza que tomavam conta de mim. No entanto, passei a enxergar que os fragmentos que possuo oferecem pistas para um quebra-cabeça que muitos estão desesperados para resolver. A esperança de que aquilo que eu descobri possa ajudar me levou ao passo difícil, porém necessário, de tornar pública a minha história.

Há um mundo inteiro entre o lugar onde estou agora e a visão que eu tinha antes de Columbine, quando nossa vida parecia ser a de uma típica família suburbana americana. Em mais de uma década de pesquisa pelos escombros, meus olhos se abriram — não apenas para as coisas um dia escondidas de mim sobre Dylan e os eventos que levaram àquele dia, mas também para a percepção de que esses insights têm implicações que vão muito além de Columbine.

Nunca saberei se poderia ter evitado o papel terrível de meu filho na carnificina que aconteceu naquele dia, mas passei a ver de forma diferente as coisas que gostaria de ter feito. Pequenas coisas, fios na grande tapeçaria de uma vida familiar normal. Porque, se alguém tivesse espiado nossa vida antes de Columbine, creio que teria visto, mesmo com as lentes mais potentes, algo absolutamente comum, nada diferente das vidas que acontecem em inúmeras casas pelo país.

Tom e eu éramos pais amorosos, atenciosos e participativos, e Dylan era um adolescente animado e carinhoso. Não era um filho com o qual nos preocupássemos e por quem rezássemos esperando que um dia encontrasse seu caminho e tivesse uma vida produtiva. Nós o chamávamos de “Garoto Ensolarado” — não só por causa de sua auréola de cabelo loiro, mas porque tudo parecia vir facilmente para ele. Eu era grata por ser a mãe de Dylan e o amava com toda a minha alma e o meu coração.

A normalidade de nossa vida antes de Columbine talvez seja a parte mais difícil de entender da minha história. Para mim, é também a mais importante. Nossa vida em casa não era difícil nem pesada. Nosso filho mais novo nunca deu trabalho, e nós (nem ninguém que o conhecia) nunca o teríamos imaginado como um risco para si ou para outra pessoa. Eu gostaria que muitas coisas tivessem sido diferentes, e, mais que tudo, gostaria de ter sabido que era possível as coisas parecerem estar bem com meu filho quando não estavam.

No que se refere a questões de saúde cerebral, muitas de nossas crianças são tão vulneráveis hoje quanto as crianças de cem anos atrás eram às doenças infecciosas. Não é raro, como aconteceu no nosso caso, a suscetibilidade delas passar despercebida. Quer uma criança entre em colapso em um cenário horrível, quer o potencial dessa criança para a felicidade e a produtividade não se cumpra, essa situação pode ser tão desconcertante quanto dolorosa. Se não acordarmos para essas vulnerabilidades, o terrível preço a pagar continuará aumentando. E o preço será pago não só em tragédias como a de Columbine, Virginia Tech, Sandy Hook ou UCSB, mas em inúmeras tragédias menores e em ebulição que se apresentam todos os dias na vida familiar de nossos colegas de trabalho, amigos e entes queridos.

Não há, talvez, verdade mais dura para um pai ou mãe aceitar, mas nenhum pai ou mãe neste mundo sabe melhor do que eu: o amor não é suficiente. Meu amor por Dylan, embora infinito, não o manteve em segurança nem salvou as treze pessoas mortas na Escola de Ensino Médio de Columbine, ou os muitos outros feridos e traumatizados. Eu não vi os sinais sutis de deterioração. Se os tivesse notado, isso poderia ter feito diferença para Dylan e suas vítimas — toda a diferença do mundo.

Ao contar minha história da maneira mais fiel possível, mesmo quando desfavorável a mim, espero trazer uma luz que permita a outros pais enxergar além do rosto que seus filhos mostram, para que esses pais lhes ofereçam ajuda, se necessário.

Muitos de meus amigos e colegas mudaram o estilo de criar os filhos depois de conhecer nossa história. Em alguns momentos, as intervenções dessas pessoas tiveram resultados dramáticos. Uma ex-colega de trabalho, por exemplo, notou que a filha de treze anos parecia deprimida. Com o caso de Dylan em mente, a mãe pressionou a garota (e pressionou, e pressionou). No fim, a menina acabou confessando que fora estuprada quando saiu escondida para se encontrar com um amigo. Ela estava profundamente deprimida, envergonhada e amedrontada, e considerando seriamente tirar a própria vida.

Minha colega conseguiu ajudar a filha porque percebeu as mudanças sutis e continuou a fazer perguntas. Eu me alegro em saber que ela conseguiu um final mais feliz para a história de sua filha por conhecer a nossa história, e acredito que ampliar o círculo de pessoas que a conhecem trará somente benefícios.

Não é fácil contar minha história, mas, se a compreensão e os insights que obtive na terrível provação de Columbine puderem ajudar alguém, então eu tenho a obrigação moral de compartilhá-los. Falar abertamente sobre isso é assustador, mas é a coisa certa a fazer. É extensa a lista de coisas que eu teria feito diferente se soubesse. São meus fracassos. Mas o que aprendi implica a necessidade de um chamado a uma ação mais ampla, uma visão geral abrangente do que deveria ser feito para evitar não apenas tragédias como a cometida pelo meu filho, mas o sofrimento íntimo de qualquer adolescente.

NOTAS AO LEITOR

Os trechos em *itálico* que iniciam muitos dos capítulos foram retirados dos meus diários.

Nos dias após Columbine eu preenchi vários cadernos com palavras, em uma tentativa de processar minha confusão, culpa e tristeza. Assim como a maioria dos diários, os meus são impúblicáveis, mas representaram uma fonte inestimável de material para este livro. As pessoas se referem ao nevoeiro da guerra, e eu tenho certeza de que algo similar se aplica à minha situação. Se eu não tivesse mantido um arquivo corrente dos dias, semanas e anos, o nevoeiro teria engolido coisas demais para que

eu fosse capaz de oferecer um relato confiável. Meus diários servem como lembranças úteis não apenas dos eventos e fatos, mas também das fases de minha evolução.

Estou em um lugar bem diferente de onde estava nos dias que sucederam Columbine; não é exagero dizer que não sou mais a mesma pessoa. Os trechos de meus diários abrem uma janela para dentro dos pensamentos e sentimentos imediatos que tive quando os eventos ocorreram, enquanto os capítulos incorporam a perspectiva que surgiu com a passagem do tempo e a enorme quantidade de pesquisa e autorreflexão.

. . .

Alguns dos nomes e detalhes de identidade foram alterados neste livro, para proteger a privacidade das pessoas.

. . .

No processo de escrita, entrevistei inúmeros especialistas em áreas tão diversas quanto aplicação da lei, abordagem a ameaças, ética jornalística, sociologia, psicologia, psiquiatria e neurobiologia. Este livro não teria sido possível sem a generosidade dessas pessoas e sua dedicação ao espírito inquisitivo.

PARTE I

AS ÚLTIMAS PESSOAS NO MUNDO



Com Dylan em seu aniversário de cinco anos

Família Klebold

“HOUE UM TIROTEIO NA ESCOLA DE
ENSINO MÉDIO DE COLUMBINE”

20 de abril de 1999, 12h05

Eu estava em meu escritório, no centro de Denver, me preparando para sair para uma reunião sobre bolsas de estudos para universitários portadores de deficiência, quando notei que a luz vermelha do telefone da minha mesa estava piscando.

Chequei, pela possibilidade de minha reunião ter sido cancelada, mas o recado era de meu marido, Tom, a voz ríspida, áspera, urgente:

— Susan, é uma emergência! Me ligue de volta imediatamente!

Ele não disse mais nada. Não precisava: eu sabia, pelo tom de sua voz, que algo tinha acontecido com um de nossos meninos.

Tive a sensação de que meus dedos trêmulos levaram horas para digitar o número de casa. O pânico se abateu sobre mim como uma onda; meu coração batia nos ouvidos. Nosso filho mais novo, Dylan, estava na escola; seu irmão mais velho, Byron, estava no trabalho. Será que tinha acontecido um acidente?

Tom atendeu e berrou imediatamente:

— Ouça a televisão! — Mas eu não conseguia distinguir as palavras. Fiquei em pânico por imaginar que seja lá o que tivesse acontecido era grande o bastante para estar na TV. Meu medo, segundos antes, de um acidente de carro subitamente pareceu tolo. Estávamos em guerra? O país estava sendo atacado?

— O que está acontecendo? — gritei no fone. Havia somente estática e barulho de televisão indecifrável do outro lado da linha. Tom voltou a falar, finalmente, mas meu marido, normalmente controlado, parecia um lunático. As palavras truncadas que saíam dele em rajadas curtas não faziam sentido: “pistoleiro... atirador... escola”.

Tive dificuldade para entender o que Tom estava dizendo: Nate, o melhor amigo de Dylan, tinha ligado minutos antes para o escritório de Tom, que ficava em nossa casa, para perguntar: “O Dylan está?” Uma ligação como essa no meio do horário escolar já seria suficientemente alarmante,

mas o motivo da ligação de Nate era o pior pesadelo de qualquer pai se tornando realidade: atiradores estavam disparando contra as pessoas na Escola de Ensino Médio de Columbine, na qual Dylan era aluno do último ano.

Havia mais: Nate dissera que os atiradores estavam usando sobretudo preto, como o que tínhamos comprado para Dylan.

“Não quero alarmá-lo”, ele disse a Tom. “Mas conheço todos os alunos que usam sobretudo preto, e os únicos que não consigo encontrar são Dylan e Eric. Eles também não foram ao boliche hoje de manhã.”

A voz de Tom estava rouca de medo quando ele me contou que desligou a chamada de Nate e revirou a casa procurando o sobretudo de Dylan, irracionalmente convencido de que, se o encontrasse, nosso filho estaria bem. Mas o casaco tinha sumido, e Tom estava apavorado.

— Estou indo para casa — eu disse, o pânico anestesiando minha coluna. Desligamos sem nos despedir.

Tentando desesperadamente manter a compostura, pedi a uma colega que cancelasse a reunião. Saindo do escritório, percebi minhas mãos tremendo tão incontrolavelmente que tive de estabilizar a mão direita com a esquerda para conseguir apertar o botão do elevador. Meus companheiros conversavam alegremente a caminho do almoço. Expliquei meu comportamento estranho dizendo: “Houve um tiroteio na Escola de Ensino Médio de Columbine. Preciso ir para casa para ter certeza de que o meu filho está bem”. Uma colega se ofereceu para me levar. Incapaz de dizer qualquer outra coisa, balancei negativamente a cabeça.

Quando entrei no carro, minha cabeça estava a mil por hora. Não me ocorreu ligar o rádio; do jeito que estava, eu mal conseguia manter o carro em segurança na estrada. Meu pensamento constante, enquanto dirigia os quarenta e dois quilômetros até nossa casa, era: *Dylan está em perigo*.

Espasmos de medo apertavam meu peito à medida que eu repassava, repetidamente, os mesmos fragmentos irregulares de informação. O sobretudo poderia estar em qualquer lugar, eu dizia a mim mesma: no armário ou no carro de Dylan. Com certeza um casaco perdido de um adolescente não significava nada. No entanto meu marido, sempre firme e confiante, soara quase histérico; eu nunca o ouvira daquele jeito antes.

O caminho pareceu levar uma eternidade, como se eu estivesse viajando em câmera lenta, embora minha mente girasse à velocidade da luz e meu coração batesse nos ouvidos. Fiquei tentando juntar as peças do quebra-cabeça, mas não havia muito conforto a ser encontrado nos poucos fatos que eu conhecia, e eu sabia que nunca me recuperaria se alguma coisa acontecesse com Dylan.

Enquanto dirigia, eu falava em voz alta comigo mesma, e comecei a chorar incontrolavelmente. Analítica por natureza, tentei me acalmar: eu ainda não tinha informação suficiente. A Escola de Ensino Médio de Columbine era enorme, com mais de dois mil alunos. O fato de Nate não ter conseguido encontrar Dylan no meio do caos não queria dizer necessariamente que nosso filho estava morto ou ferido. Eu precisava parar de deixar o pânico de Tom me contaminar. Mesmo com o terror ainda me engolfando em ondas, falei para mim mesma que provavelmente estávamos nos desesperando sem necessidade, e o pai ou mãe de qualquer aluno desaparecido estaria na mesma situação. Talvez ninguém estivesse machucado. Eu iria entrar na cozinha e encontrar Dylan assaltando a geladeira, pronto para rir de minha reação exagerada.

De qualquer forma, eu não conseguia evitar que minha mente pulasse de uma situação terrível para outra. Tom dissera que havia atiradores na escola. Mãos suadas no volante, balancei a cabeça, como se Tom estivesse lá para ver. Atiradores! Talvez ninguém soubesse onde Dylan estava porque ele levava um tiro. Talvez ele estivesse deitado, ferido ou morto no prédio da escola — encurralado, incapaz de nos avisar. Talvez tivesse sido feito refém. A ideia era tão terrível que eu mal conseguia respirar.

Mas havia também uma fisgada incessante em meu estômago. Congelei de medo quando ouvi Tom mencionar Eric Harris. A única vez em que Dylan tivera problemas sérios fora com Eric. Balancei a cabeça de novo. Dylan sempre fora uma criança divertida e amável e se tornara um adolescente de temperamento tranquilo e sensível. Ele tinha aprendido a lição, eu me tranquilizei. Não se deixaria levar a fazer algo estúpido pela segunda vez.

Ao lado das dezenas de outras situações aterrorizantes que giravam em meu cérebro efervescente, eu me perguntei se o horror que estava acontecendo na escola podia ser uma “pegadinha” inocentemente planejada pelos alunos mais velhos que saíra terrivelmente de controle.

Uma coisa era certa: era impossível que Dylan tivesse uma arma. Tom e eu éramos tão absolutamente contra armas que estávamos considerando deixar o Colorado porque as leis estavam mudando, tornando mais fácil o acesso a elas. Fosse ou não uma pegadinha que dera errado, era impossível Dylan ter se envolvido com uma arma de verdade, mesmo que de brincadeira.

E assim foi durante longos quarenta e dois quilômetros. Em um minuto eu era tomada por imagens de Dylan machucado, ferido, gritando por ajuda, depois era inundada por passagens mais felizes: Dylan quando garoto, soprando as velinhas de aniversário; gritando de alegria enquanto

descia com seu irmão pelo escorregador de plástico para dentro da piscina rasa no quintal. Dizem que a vida passa diante de nossos olhos quando morremos, mas, naquela viagem de carro até em casa, era a vida do meu filho passando diante de mim, como um rolo de filme — cada momento precioso dilacerando meu coração e ao mesmo tempo me enchendo de uma fé desesperada.

Aquela viagem infernal foi o primeiro passo do que se tornaria o trabalho de uma vida inteira para aceitar o impossível.

. . .

Ao chegar em casa, meu pânico se elevou a um nível ainda maior. Tom me disse o que sabia em espasmos entrecortados: atiradores na escola, Dylan e Eric ainda desaparecidos. Seja lá o que estivesse acontecendo, era sério. Ele tinha ligado para nosso filho mais velho, Byron, que avisou que sairia do trabalho e se juntaria a nós imediatamente.

Tom e eu andávamos de um lado para outro da casa como brinquedos de corda dementes, inundados de adrenalina, incapazes de parar ou de terminar alguma tarefa. Nossos bichos de estimação ficaram de olhos arregalados, encolhidos nos cantos, alarmados.

Tom estava obcecado pelo sobretudo desaparecido, mas eu estava mais confusa pelo fato de Nate ter dito que Dylan faltara ao boliche. Ele sairia de casa naquela manhã com tempo mais que suficiente para chegar lá; dissera “tchau” ao sair. Pensando naquilo, me peguei assombrada pela natureza peculiar daquela despedida.

Naquela manhã, a manhã de 20 de abril, meu despertador tinha tocado antes da primeira luz do dia. Enquanto me vestia para trabalhar, eu observava o relógio. Sabendo quanto Dylan detestava acordar cedo, Tom e eu tentamos convencê-lo a não se matricular em uma aula de boliche às seis e quinze da manhã. Mas a vontade dele prevaleceu. Seria divertido, ele disse: ele adorava boliche, e alguns de seus amigos estariam na aula. Durante o semestre, ele tinha conseguido ser pontual para essa aula — não era um recorde perfeito, mas ficou bem próximo disso. Ainda assim, eu precisava manter os olhos no relógio. Mesmo que Dylan programasse zelosamente o despertador, nas manhãs de boliche ele quase sempre precisava de uma chamada extra minha, ao pé da escada, para sair da cama.

No entanto, na manhã do dia 20 de abril, eu ainda estava me vestindo quando ouvi Dylan descer pesadamente as escadas, passando diante da porta fechada de nosso quarto no andar de baixo. Surpreendeu-me que ele estivesse em pé e vestido tão cedo, sem que eu precisasse chamá-lo. Ele ia de um lado para o outro rapidamente e parecia estar com pressa de sair, apesar de ainda ter tempo para dormir mais um pouco.

Nós sempre coordenávamos nossos planos para o dia, então abri a porta do quarto e me inclinei para fora. “Dyl!”, chamei. O restante da casa estava escuro demais para que eu conseguisse ver qualquer coisa, mas ouvi a porta da frente abrir. De dentro da escuridão, com a voz firme e decidida, ouvi meu filho gritar “Tchau”, e então a porta da frente se fechou atrás dele. Ele saiu antes mesmo de eu poder acender a luz do corredor.

Incomodada com aquilo, eu me virei de volta para a cama e acordei Tom. Houve uma vibração cortante na voz de Dylan, naquela única palavra, que eu nunca ouvira antes — quase um escárnio, como se tivesse sido pego no meio de uma briga com alguém.

Não foi o primeiro sinal que tivéramos naquela semana a indicar que Dylan estava estressado. Dois dias antes, no domingo, Tom me perguntara: “Você notou a voz do Dylan ultimamente? O timbre está mais firme e mais alto que o normal”. Ele fez um gesto em direção às próprias cordas vocais com o dedão e o dedo do meio. “A voz dele sobe assim quando ele está tenso. Acho que tem algo o incomodando.” Os instintos de Tom em relação aos meninos sempre foram excelentes, e concordamos em nos sentar com Dylan para ver se algo o estava perturbando. Com certeza fazia sentido que ele estivesse um pouco ansioso, considerando que a formatura do ensino médio estava próxima. Três semanas antes, tínhamos ido visitar sua primeira opção de faculdade, a Universidade do Arizona. Embora Dylan fosse muito independente, estudar em outro estado seria uma grande mudança para um garoto que nunca tinha saído de casa.

Fiquei abalada com a firmeza da voz de Dylan ao se despedir, e também com o fato de ele não ter parado para compartilhar seus planos para o dia. Ainda não havíamos tido a oportunidade de nos sentar e conversar, já que nosso filho tinha passado a maioria dos últimos fins de semana com os amigos.

— Acho que você estava certo no domingo passado. Alguma coisa *está* incomodando o Dylan — eu disse a meu marido sonolento.

Da cama, Tom me tranquilizou:

— Vou falar com ele assim que ele chegar em casa.

Como Tom trabalhava em casa, os dois geralmente dividiam a seção de esportes do jornal e faziam um lanche juntos quando Dylan chegava da escola. Eu relaxei e continuei a me arrumar para o trabalho, aliviada por saber que, quando eu voltasse, Tom já saberia se havia algo incomodando nosso filho.

No entanto, diante da ligação de Nate, fiquei parada em nossa cozinha, tentando juntar os pedaços de informação que tínhamos, e senti um

calafrio com a lembrança da indiferença dura e desagradável na voz de Dylan ao dizer “Tchau” naquela manhã, e com o fato de que ele saíra cedo mas não tinha chegado à aula. Imaginei que tivesse ido se encontrar com alguém bem cedo para tomar café — talvez até para conversar sobre o que o estava incomodando. Mas, se não chegara ao boliche, onde é que ele estava?

O chão não foi arrancado de sob meus pés até o telefone tocar e Tom correr para a cozinha a fim de atender. Era um advogado. Meus medos, até agora, tinham sido dominados pela possibilidade de Dylan estar em perigo — de que ele tivesse sido ferido ou feito alguma besteira, algo que pudesse colocá-lo em apuros. Agora eu entendia que os medos de Tom incluíam algo que faria nosso filho precisar de um advogado.

Dylan tinha se metido em encrenca com Eric no segundo ano do ensino médio. O episódio nos dera o maior choque de todos: nosso filho bem-educado e organizado, o garoto com quem nunca tivemos de nos preocupar, arrombara uma van estacionada e roubara equipamentos eletrônicos. Como consequência, Dylan foi colocado em observação. Ele completou o programa *Diversion*,* o que o livrou de acusações criminais. Na verdade, foi liberado mais cedo do programa — um acontecimento incomum, conforme nos disseram —, com direito a elogios efusivos do orientador.

Todos nos disseram para não fazer muito alarde pelo incidente: Dylan era um bom menino, e até mesmo os melhores garotos podiam cometer erros colossalmente idiotas. Mas também tínhamos sido avisados de que um simples escorregão, até mesmo passar creme de barbear num corrimão, seria encarado como crime e resultaria em cadeia. Assim, diante da primeira indicação de que Dylan poderia estar envolvido em problemas, Tom contatou um advogado de defesa muito bem recomendado. Enquanto parte de mim não podia acreditar que meu marido imaginara Dylan envolvido em seja lá o que estivesse acontecendo na escola, outra parte ficou agradecida. Apesar da preocupação de Tom, ele teve uma postura proativa.

Eu ainda estava a quilômetros de distância da ideia de que pessoas pudessem, de fato, estar feridas, ou que tivessem sido feridas pelas mãos do meu filho. Estava simplesmente preocupada que Dylan, a serviço de alguma pegadinha, pudesse ter colocado em risco seu futuro, desperdiçando, sem o menor cuidado, a segunda chance que lhe fora dada ao completar com sucesso o programa *Diversion*.

* Programa de pena alternativa, muito usado com infratores juvenis, que evita que a pessoa seja acusada criminalmente. (N. do E.)

A ligação, obviamente, trouxe notícias muito, muito piores. O advogado a quem Tom recorrera, Gary Lozow, entrara em contato com o gabinete do xerife. Ele estava ligando de volta para nos dizer que o impensável agora estava confirmado. Embora os relatórios fossem loucamente contraditórios, não havia dúvida de que algo terrível envolvendo atiradores estava acontecendo na Escola de Ensino Médio de Columbine. O gabinete do promotor público confirmara a Gary Lozow que havia a suspeita de que Dylan fosse um dos atiradores. A polícia estava a caminho de nossa casa.

Quando Tom desligou o telefone, olhamos um para o outro com horror e descrença congelantes. O que eu estava ouvindo não podia, em hipótese alguma, ser verdade. Mas era. Mesmo sendo impossível. Nos piores cenários dos piores pesadelos que tinham passado por minha cabeça durante o trajeto de carro até em casa, nada se comparava à realidade que veio à tona naquele momento. Eu me preocupara com que Dylan estivesse em perigo ou tivesse feito algo infantil, se metendo em encrenca; agora, aparentemente pessoas tinham sido feridas por causa do que ele estava fazendo, seja lá o que fosse. Isso era real; estava acontecendo. Mesmo assim, eu não conseguia fazer meu cérebro entender o que estava ouvindo.

E então Tom me disse que tentaria entrar na escola.

Eu gritei:

— Não! Está louco? Você pode ser morto!

Ele olhou para mim com firmeza:

— E daí?

Toda a confusão barulhenta que girava ao nosso redor foi subitamente interrompida quando nos encaramos. Depois de um momento, engoli meus protestos e me afastei. Tom estava certo. Mesmo se ele morresse, pelo menos teríamos a certeza de que fizera tudo o que podia para parar seja lá o que estivesse acontecendo.

Pouco depois de uma hora da tarde, liguei para minha irmã, os dedos tremendo enquanto digitava. Meus pais já haviam morrido, mas minha irmã mais velha e meu irmão mais novo moravam perto um do outro, em outro estado. Minha irmã é e sempre foi a pessoa que busco quando as coisas vão bem e quando vão mal. Ela sempre cuidou de mim.

No minuto em que ouvi a voz dela, toda a compostura que eu estava tentando manter foi por água abaixo, e eu caí no choro.

— Algo terrível está acontecendo na escola. Não sei se Dylan está ferindo as pessoas ou se está ferido. Estão dizendo que ele está envolvido.

Não havia nada que Diane pudesse dizer que secasse minhas lágrimas, mas ela prometeu ligar para meu irmão e o restante da família.

— Estamos aqui para ajudar — ela disse vigorosamente quando nos despedimos, para que eu pudesse deixar a linha desocupada. Naquele momento eu não fazia ideia de como precisaria de minha irmã ao longo dos anos seguintes.

Quando meu filho mais velho, Byron, chegou, minhas tentativas frenéticas de fazer algo — qualquer coisa — foram paralisadas. Fiquei sentada na bancada da cozinha, soluçando em um pano de prato. Assim que Byron pôs os braços ao meu redor, cada milímetro de força se esvaiu de meu corpo e eu desabei, de modo que ele estava mais me firmando que me abraçando.

“Como ele pôde fazer isso? Como ele pôde fazer isso?”, eu ficava perguntando. Não fazia ideia do que era “isso”. Byron balançou a cabeça, em uma descrença silenciosa, os braços ainda ao meu redor. Não havia nada a dizer. Parte de mim pensava: *Sou a mãe dele. Tenho de me controlar, ser um exemplo aqui, ser forte para Byron.* Mas, para mim, era impossível fazer qualquer coisa a não ser chorar impotentemente, uma boneca de pano nos braços do meu filho.

Os policiais começaram a chegar e nos acompanharam para fora de casa, fazendo-nos esperar na rampa da garagem. Fazia um dia lindo, ensolarado e quente, o tipo de dia que nos faz pensar que a primavera finalmente chegou. Em outras circunstâncias, eu estaria agradecendo por termos sobrevivido a mais um longo inverno no Colorado. Em vez disso, a beleza do tempo parecia um tapa na cara. “O que estão procurando? O que eles querem?”, eu perguntava. “Podemos ajudar?” No fim, um policial nos disse que estavam fazendo uma busca por explosivos em nossa casa e no apartamento de nossa inquilina.

Era a primeira vez que ouvíamos qualquer coisa sobre explosivos. Não soubemos de mais nada. Não podíamos entrar em nossa casa sem estar acompanhados pela polícia. Tom não teve permissão para ir à escola ou a qualquer outro lugar. Mais tarde, ficamos sabendo que ninguém podia entrar na escola. As equipes de resgate só tiveram acesso ao prédio muito tempo depois de Dylan e Eric estarem mortos, rodeados pelos corpos de suas vítimas.

Enquanto estávamos ali, esperando na ensolarada rampa da garagem, notei que três ou quatro policiais estavam usando uniformes da SWAT e o que parecia ser coletes à prova de balas. A visão daqueles homens era mais estranha que alarmante. Por que estavam em nossa casa em vez de estar na escola? Eles se curvaram e entraram pela porta da frente, segurando as armas com as duas mãos e os braços estendidos, como em um filme. Será que achavam que estávamos escondendo Dylan? Ou que Tom e eu seríamos, de alguma forma, um perigo para eles?

Foi completamente surreal, e eu pensei muito claramente: *Somos as últimas pessoas no mundo que alguém esperaria ver nessa situação.*

Passamos horas andando de um lado para o outro na rampa da garagem, como animais assustados. Byron, na época, ainda fumava, e eu o observava acender um cigarro atrás do outro, desnorreada demais para protestar. A polícia não falava conosco, embora implorássemos por informações. O que tinha acontecido? Como sabiam que Dylan era um suspeito? Quantos atiradores havia? Onde estava Dylan? Ele estava bem? Ninguém nos falava absolutamente nada.

O tempo parou, como acontece nas emergências. Helicópteros da imprensa e da polícia começaram a circular ruidosamente no céu. Nossa inquilina, Alison, que morava na quitinete anexa a nossa propriedade, trouxe garrafas de água e barras de granola que não conseguimos comer. Quando precisávamos usar o banheiro, era com dois homens armados vigiando a porta. Eu não tinha certeza se estavam nos protegendo ou se éramos suspeitos. Ambas as opções me aterrorizavam: eu nunca fizera nada ilegal na vida, e jamais me passara pela cabeça ter medo do meu filho.

À medida que a tarde se estendia, continuamos a caminhar de um lado para o outro na rampa da garagem. Conversar era impossível. A base das montanhas Rochosas ao redor de nossa casa sempre me acalmou; Tom e eu dizíamos que não tínhamos necessidade de viajar, porque já morávamos no lugar mais lindo do mundo. Mas, naquela tarde, os altos penhascos pedregosos pareciam frios e ameaçadores — muros de prisão em volta de nossa casa.

Ergui os olhos para ver uma silhueta subindo pela rampa. Era Judy Brown, a mãe de Brooks, um dos amigos de infância de Dylan. Alertada pela confusão de rumores em Littleton de que Dylan estava envolvido nos acontecimentos da escola, ela veio à nossa casa.

Fiquei alarmada ao vê-la. Nossos filhos tinham sido bons amigos no primeiro e no segundo anos do fundamental, depois voltaram a estudar juntos no ensino médio, mas não eram próximos. Eu só tinha visto Judy algumas vezes ao longo dos anos. Tínhamos conversado animadamente poucas semanas antes, em um evento da escola, mas nunca fizéramos nada juntas, exceto quando nossos filhos estavam envolvidos, e eu não tinha certeza se conseguiria administrar amenidades sociais naquele momento. Estava desorientada demais para perguntar por que ela estava ali, mas parecia estranho Judy ter se materializado no momento em que mais precisávamos de privacidade. Ela e Alison se sentaram uma de cada lado meu em nossa calçada de tijolos, implorando que eu bebesse a água que trouxeram. Tom e Byron andavam para cima e para baixo na calçada da frente,

com expressões pensativas, enquanto todos lutávamos com nossos próprios pensamentos estilhaçados.

Minha mente era um redemoinho caótico. Não havia maneira de encaixar a informação que tínhamos no que eu sabia sobre minha vida e sobre meu filho. Não podiam estar falando de Dylan, o nosso “Garoto Ensolarado”, um filho tão bom que sempre me fazia sentir uma boa mãe. Se era verdade que Dylan havia ferido pessoas de propósito, então de onde viera isso?

Mais tarde, o detetive responsável disse que queria interrogar cada um de nós separadamente. Tom e eu estávamos ansiosos para cooperar, especialmente se houvesse qualquer coisa que pudéssemos fazer para trazer luz ao que estava acontecendo.

Meu interrogatório aconteceu no banco da frente do carro do detetive. É impensável agora, mas, durante aquele interrogatório, eu realmente acreditava que conseguiria esclarecer a confusão se apenas pudesse explicar por que tudo o que estavam pensando sobre Dylan estava errado. Não percebi que tinha entrado em uma nova fase de minha vida. Eu ainda pensava que a ordem do mundo tal como eu a conhecia poderia ser restaurada.

Pressionei as mãos trêmulas para aquietá-las. Solene e intimidador, o detetive foi direto ao ponto: Nós guardávamos alguma arma em casa? Dylan se interessava por armas ou explosivos? Eu tinha pouca coisa relevante para dividir com ele. Tom e eu nunca tivemos armas. Armas de ar comprimido eram comuns para os garotos no lugar onde vivíamos, mas resistimos o máximo que pudemos — e então fizemos nossos filhos redigirem e assinarem termos de compromisso antes de nos rendermos. Eles usaram as armas para praticar tiro ao alvo durante um tempo, mas, assim que Dylan entrou na adolescência, os rifles de ar comprimido encontraram um espaço na prateleira da garagem, ao lado dos aeromodelos, dos bonecos de ação G.I. Joe e de outras relíquias esquecidas da infância dos garotos.

Lembro claramente que Dylan me perguntara, no ano anterior, se eu consideraria lhe comprar uma arma de Natal. O pedido foi feito de passagem e veio do nada. Surpresa, perguntei por que ele queria uma arma, e ele disse que seria divertido ir a um estande de tiro algum dia, a fim de treinar a pontaria. Dylan sabia que eu era radicalmente contra armas, por isso o pedido me pegou de surpresa — embora tivéssemos mudado para uma área rural, onde caçar e praticar tiro ao alvo eram passatempos populares. Por mais estranho que me parecesse pessoalmente, as armas faziam parte da cultura na região onde vivíamos, e muitos de nossos vizinhos

e amigos no Colorado eram animados atiradores de fim de semana. Ao mesmo tempo em que eu nunca permitira uma arma debaixo de nosso teto, o pedido de Dylan não acionou nenhum alarme especial.

Em vez disso, sugeri que procurássemos seu velho rifle de ar comprimido. Dylan revirou os olhos, um sorriso brincalhão no rosto: *Mães*.

— Não é a mesma coisa — ele disse, e eu balancei a cabeça decisivamente.

— Não consigo imaginar por que você quer uma pistola, e você sabe como seu pai e eu nos sentimos sobre isso. Você logo vai fazer dezoito anos e, se realmente quiser uma, pode comprar por sua conta. Você sabe que eu nunca, *já* lhe compraria uma arma.

Dylan assentiu carinhosamente e sorriu.

— É, eu sabia que você ia dizer isso. Só pensei em pedir.

Não houve intensidade no pedido, e nenhuma animosidade quando neguei. Ele nunca mais voltou a mencionar armas para mim, e eu arqueei aquilo na mesma categoria dos outros pedidos de Natal esquisitos que ele fizera ao longo dos anos. Ele também não pensou seriamente que lhe daríamos um carro tunado ou aulas de voo com planador.

O detetive tinha outra pergunta: Dylan se interessava por explosivos? Achei que ele estivesse falando de fogos de artifício e respondi com honestidade: Dylan gostava daquilo. Quando trabalhou em um estande de fogos (é permitido vendê-los no Colorado), um de seus primeiros empregos de verão, aceitara o pagamento em artigos da loja. Assim, meu filho tinha muitos deles, os quais deixava guardados, em segurança, em uma grande caixa de plástico na garagem. Ele soltava fogos de artifício no Quarto de Julho e os apreciava; pelo restante do ano, eles permaneciam na garagem, esquecidos. Dylan colecionava muitas coisas. Eu ainda não tinha ouvido nada sobre tanques de propano ou explosivos, então não fazia ideia sobre o que o detetive realmente estava me perguntando.

Senti-me pequena e assustada no banco da frente do carro do detetive, mas fui diligente ao responder às perguntas, de maneira completa e honesta. Quando ele quis saber se eu já tinha visto catálogos ou revistas de armas pela casa, a pergunta balançou algo solto em minha cabeça. Alguns catálogos com armas na capa tinham chegado com as pilhas de correspondência descartável que recebíamos diariamente. Eu não prestara mais atenção neles do que nos catálogos de roupas de bebê personalizadas ou equipamentos ortopédicos para idosos, e os tinha jogado fora sem olhar. Dylan tirara um desses catálogos do lixo. Ele estava procurando botas de trabalho pesado que servissem em seus pés enormes, e gostou de um par que estava nesse catálogo. Quando soubemos que não tinham o número

dele, joguei o impresso fora pela segunda vez. Mais tarde, ele encontraria outras botas em uma loja de suprimentos para o exército.

Senti que o detetive estava me analisando com um olhar astuto. *Te peguei*. Repentinamente defensiva e insegura, me ouvi começando a tagarelar, tentando fazer o policial entender que vários catálogos chegavam todo dia, por isso eu não havia checado o destinatário.

Achei que ele entenderia se eu me fizesse ouvir. Sempre contei com minha capacidade de abordar problemas logicamente, e com a habilidade de me comunicar efetivamente. Eu não compreendia — e não compreenderia por um bom tempo — que era minha versão da realidade que estava fora de sintonia.

O detetive perguntou sobre eventos recentes, e eu contei tudo que conseguia lembrar. Algumas semanas antes, tínhamos visitado a Universidade do Arizona. Dylan fora aceito, e queríamos que ele colocasse os pés em sua primeira opção para sentir que era a escolha certa. Três dias antes, Dylan, lindo de smoking, tinha posado com sua companheira de baile, sorrindo timidamente enquanto tirávamos uma foto. Como aquele garoto poderia ser a pessoa que estavam acusando?

Mas não havia nenhuma resposta por vir, nenhuma esperança. O interrogatório terminou. Enquanto descia do carro do detetive, senti como se fosse explodir em milhares de pedaços, cacos de mim se espalhando pela estratosfera.

Ainda não podíamos entrar em casa. Tom e Byron continuavam andando de um lado para o outro na rampa da garagem. Um policial nos disse que os investigadores estavam esperando o esquadrão antibomba, uma informação que só fez aumentar ainda mais o nosso terror e confusão. Estavam procurando uma bomba? Será que algum conhecido de Dylan tinha colocado uma armadilha explosiva em nossa casa? Ninguém respondia nada, e não sabíamos se era porque ainda não conseguiam explicar exatamente o que acontecera ou porque éramos suspeitos.

Pelo fato de estarmos havia tanto tempo parados na rampa de nossa garagem, sem acesso a qualquer tipo de comunicação ou notícias recentes, nós provavelmente sabíamos menos do que qualquer outra pessoa em Littleton — ou do que o restante do mundo, para ser sincera — sobre o que estava acontecendo. Os telefones celulares não eram tão onipresentes quanto agora; embora Tom usasse um no trabalho, o sinal não funcionava por causa dos penhascos de arenito ao redor de nossa casa. A polícia havia confiscado o telefone de nossa casa. Assustados e perplexos, tudo o que podíamos fazer era rezar por nosso filho.

Esperamos do lado de fora, no sol, empoleirados nos degraus de concreto ou recostados nos carros parados. Judy veio até mim. Baixando a

voz em tom de segredo, ela me contou sobre um site violento que Eric criara.

Ainda apavorada com a situação de Dylan, eu não entendia por que ela estava me contando aquilo, até que compreendi: ela sabia havia muito tempo que Eric era perturbado e perigoso.

— Por que você não me contou? — perguntei, absolutamente atônita. Ela tinha contado para a polícia, Judy explicou.

O telefone de nossa casa tocava sem parar. O detetive me chamou para atender a ligação de minha tia idosa. Ela ouvira falar de um tiroteio em Littleton. (O nome de Dylan ainda não fora mencionado.) Estava com a saúde debilitada, e fiquei preocupada em lhe contar a verdade, mas percebi que protegê-la logo se tornaria impossível.

Falei, o mais gentilmente possível: “Prepare-se para o pior. A polícia está aqui. Eles acham que o Dylan está envolvido”. Quando ela protestou, repeti as mesmas palavras. O que horas antes era inconcebível agora começava a se solidificar em uma nova e terrível realidade. Como formas nebulosas se transformam em letras e números a cada clique progressivo da máquina no consultório do oftalmologista, assim era a magnitude do horror que começava a entrar em foco para mim. Tudo ainda era uma mancha incompreensível, mas eu já sabia de duas coisas: isso não duraria muito mais tempo, e a confusão estava se transformando em uma verdade que eu não acreditava poder suportar.

Prometi a minha tia que manteria contato e desliguei o telefone para deixar a linha livre para comunicações vindas da escola.

À medida que as sombras se estendiam, o tempo ficava cada vez mais lento. Tom e eu conversávamos, confusos pela nossa incerteza, em sussurros abafados. Não tínhamos escolha a não ser aceitar o envolvimento de Dylan, mas nenhum de nós era capaz de acreditar que ele participara de um tiroteio por livre e espontânea vontade. Ele devia ter se envolvido com um criminoso, de algum modo, ou com um grupo deles, que o forçaram a participar. Consideramos até mesmo que alguém tivesse ameaçado nos machucar e ele o tivesse acompanhado para nos proteger. Talvez tivesse entrado na escola achando que fosse uma brincadeira inofensiva, algum tipo de encenação, para descobrir no último minuto que estava usando munição de verdade.

Eu simplesmente não conseguia, não era capaz de acreditar que Dylan ferira pessoas voluntariamente. Se ele tivesse feito isso, o garoto dócil, engraçado e brincalhão que tanto amávamos só podia ter sido persuadido, ameaçado, coagido ou até mesmo drogado.

Mais tarde descobrimos que os amigos de Dylan tinham explicações parecidas para os eventos que se desenrolavam ao redor deles. Nenhum

deles achava que nosso filho pudesse estar envolvido por vontade própria. Nenhum de nós descobriria o nível real de seu envolvimento — ou as profundezas de sua raiva, alienação e desespero — até muitos meses depois. Mesmo então, muitos ainda tínhamos dificuldade para conciliar a pessoa que conhecíamos e amávamos com o que ele fizera naquele dia.

Ficamos ali na rampa da garagem, suspensos no limbo, as horas marcadas apenas por nossa confusão impotente à medida que oscilávamos da esperança para o medo. O telefone tocava e tocava e tocava. Em seguida, a porta de proteção de vidro mais uma vez se abriu, e dessa vez eu pude ouvir a televisão, que Tom deixara ligada em nosso quarto, ecoando dentro dos cômodos vazios. Um âncora do noticiário local estava na frente da Escola de Ensino Médio de Columbine. Eu o ouvi dizer que os últimos relatos informavam que havia vinte e cinco mortos.

Assim como todas as mães de Littleton, eu estivera rezando pela segurança do meu filho. Porém, quando ouvi o repórter mencionar vinte e cinco mortos, minhas preces mudaram. Se Dylan estava envolvido no ferimento ou na morte de outras pessoas, ele tinha de ser detido. Como mãe, essa foi a prece mais difícil que já fiz no silêncio dos meus pensamentos, mas naquele instante eu sabia que a maior misericórdia que eu poderia pedir não era pela segurança do meu filho, mas pela sua morte.